

O falante, o linguista e uma antropologia na linguagem: uma homenagem ao Professor Valdir do Nascimento Flores

O agenciamento de palavras no discurso pela criança¹

The arrangement of words in discourse by the child

Carmem Luci da Costa Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/CNPq

Resumo: Neste artigo, busca-se responder à seguinte questão: *considerando a palavra, a unidade do discurso, como seu agenciamento convoca a criança a sintagmatizar diferentes modos de enunciação e, conseqüentemente, provoca mudanças em sua instauração na língua materna?* Para responder a esse questionamento, o estudo, em diálogo com uma Antropologia da Enunciação (Flores, 2013, 2015, 2018, 2019a), constitui-se de um *corpus* teórico – textos das obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*, de Émile Benveniste – e de um *corpus* empírico – dois fatos de linguagem de uma criança. O resultado das análises revela o papel da sintagmatização de palavras nos discursos para o agenciamento de outras palavras e procedimentos, configurando, no discurso da criança, diferentes modos de enunciação e provocando mudanças na sua relação com a língua.

Palavras-chave: Enunciação; Aquisição de língua; Agenciamento

Abstract: This article seeks to answer the following question: taking words as the unit of discourse, how does their arrangement require the child to syntagmatize different modes of enunciation and consequently produce changes in their introduction into their native language? To answer this question, the study, which converses with an Anthropology of Enunciation (Flores, 2013, 2015, 2018, 2019a), comprises a theoretical corpus – articles from *Problems in General Linguistics I* and *Problems in General Linguistics II*, by Émile Benveniste – and an empirical corpus, two language events from a child. The analyses reveal the role played by the syntagmatization of words in the discourses for the arrangement of other words and procedures, setting up in the child's discourse different modes of enunciation and effecting changes in their relationship with language.

Keywords: Enunciation; Language acquisition; Discourse arrangement

Palavras Iniciais

Este artigo tem o propósito de homenagear o Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores por todas as suas contribuições à Linguística brasileira, especialmente por todo o seu esforço

¹ Este texto contém elementos tributários do trabalho intitulado *A integração de palavras no discurso nos modos de enunciação da criança*, apresentado no **IV Encontro Nacional sobre a Linguagem da Criança**, evento sediado na Universidade Federal da Paraíba em setembro de 2018.

para constituir no país uma Linguística da Enunciação e para apontar as potencialidades do grande linguista Émile Benveniste, cujas obras têm embasado muitas pesquisas, com diferentes escopos.

Muito eu teria a comentar sobre o Valdir – querido amigo, professor e orientador –, mas penso que as palavras presentes nos Agradecimentos do livro *Problemas gerais de linguística*, de sua autoria, dizem muito a seu respeito e ao papel que desempenha na minha vida acadêmica e na de outros(as) colegas. Assim, diz nosso mestre: “É preciso ter com quem falar, com quem estudar, com quem debater, com quem concordar e mesmo com quem discordar” (Flores, 2019b, p. 05). Esse é o lugar que o Prof. Valdir ocupa em minha vida acadêmica e na de muitos: o da abertura para o diálogo e para um debate sempre instigante sobre a presença humana na linguagem, na língua e na enunciação. O resultado desses debates acalorados sempre tem efeitos importantes para a academia: o aprendizado e a possibilidade de produção de novos saberes.

Após este início, apresento a questão do presente artigo, que reúne os campos da Teoria da Linguagem² de Émile Benveniste e da Aquisição da Linguagem, diálogo entre campos que estabeleço desde a tese de doutorado³, orientada pelo Prof. Valdir Flores: *considerando a palavra a unidade do discurso, como seu agenciamento convoca a criança a sintagmatizar diferentes modos de enunciação e, conseqüentemente, provoca mudanças em sua instauração na língua materna?*

A questão de pesquisa deste artigo, vinculada à Teoria da Linguagem de Émile Benveniste, encontra abrigo na reflexão de Flores (2013), que defende, a partir do linguista, uma Antropologia da Enunciação, porque relacionada ao fato de a língua ofertar inúmeros recursos constitutivos para a manifestação do homem como ser falante. Essa ideia é explorada pelo estudioso em artigo que trata da noção de “contorno do sentido” (Flores, 2015) como relacionada a uma reflexão sobre voz, que, segundo Flores (2015), é a materialidade significativa por excelência de uma Antropologia da Enunciação. Nesse estudo, Flores (2015) concebe o falante como etnógrafo da própria língua, com destaque para a propriedade metalinguística, a qual possibilita ao falante enunciar sobre a materialidade significativa da língua, fato que ocorre quando produz um comentário, no discurso, que atribui sentido a essa materialidade. Flores (2015), assim, sustenta que

Essa antropologia da enunciação é menos um estudo antropológico no sentido em que comumente se atribui e mais uma perspectiva que não prescinde do fato de o homem falar. A propriedade *loquens* do homem permite reconhecer outra linguística, que admite o falante, logo, o homem, no seu interior. (Flores, 2015, p. 94, grifo do autor).

Em outro artigo, Flores (2018) volta a tratar da voz como objeto de uma Antropologia da Enunciação. Para o pesquisador, a enunciação é uma função que caracteriza fundamentalmente

² A ideia de uma Teoria da linguagem em Benveniste, conforme Flores (2013), envolve considerar, na obra benvenistiana, a proposta enunciativa como uma parte dessa reflexão, talvez uma parte de grande importância, mas não a única, visto haver, no trabalho do linguista, sempre a preocupação com os diferentes modos de presença do humano na linguagem. Além da argumentação de Flores (2013), consideramos que, no prefácio da obra *Problemas de Linguística Geral I* (1974), Benveniste, ao pontuar que esboçará um panorama das recentes pesquisas sobre a teoria da linguagem e as perspectivas que elas abrem, parece se colocar nessa abertura de perspectivas do que nomeia como “Teoria da Linguagem”.

³ SILVA, Carmem Luci da Costa (2007a). *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10407>. Acesso em: 29 jul. 2023.

o homem na sua condição de *homo loquens*. Consequentemente, o autor propõe a Antropologia da Enunciação como “uma perspectiva teórica que trata dos efeitos da presença da língua no homem” (Flores, 2018, p. 35).

No artigo que trata da passagem do *infans* a ser falante, em uma perspectiva antropológico-enunciativa, Flores (2019a) defende o estudo do homem na sua condição de falante e, portanto, a partir de uma antropologia da enunciação. Essas investigações devem, conforme o autor, centrar-se no “saber que advém desse homem pelo fato de ele enunciar” (Flores, 2019, p. 23).

Nessa direção, o presente artigo, vinculado à Teoria da Linguagem de Benveniste, respalda-se também no pressuposto de Flores (2013, 2015, 2018, 2019a) presente em sua antropologia da enunciação, pressuposto que se centra no homem em sua condição de falante, pois, acredito, parafraseando Flores (2019a), que os estudos de aquisição de língua materna, em uma perspectiva enunciativa, trazem um saber que advém do fato de que a criança enuncia.

Ancorando-se nesse pressuposto de uma Antropologia da Enunciação, para responder, analiticamente, ao questionamento central, o estudo constitui-se de um *corpus* teórico e de um *corpus* empírico. O primeiro está composto pelos seguintes textos das obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II* de Émile Benveniste: “As relações de tempo no verbo francês”, “Os níveis da análise linguística”, “A linguagem e a experiência humana”, “A forma e o sentido na linguagem”, “Estrutura da língua e da sociedade” e “O aparelho formal da enunciação”. O segundo é constituído por fatos de linguagem de G, criança acompanhada longitudinalmente do 1º mês aos 6 anos e 11 meses de vida, cujos dados fazem parte do Banco de Dados do grupo NALíngua. Para este estudo, são realizados recortes de sessões transcritas em que G estava, respectivamente, com as idades de 2,4.11 e 3,0.01. Esses recortes das sessões são convertidos em fatos enunciativos de análise.

A discussão explicativa sobre as mudanças da criança, em sua instauração na língua materna, será realizada a partir do diálogo das análises descritivas dos fatos enunciativos de G com o estudo de Silva (2007, 2009) sobre as macro-operações gerais presentes no ato de instauração da criança na língua materna.

O artigo estrutura-se, além destas palavras iniciais, de uma seção teórica, de uma seção analítica e das palavras finais.

A comunicação intersubjetiva e o agenciamento de palavras no discurso

Na interdependência entre dois movimentos – um teórico e outro analítico –, nesta seção, apresento pontuações teóricas que sustentarão meu olhar sobre os fatos enunciativos da criança a serem analisados na próxima seção.

A partir da Teoria da Linguagem de Émile Benveniste (1995, 1989), a reflexão teórica aborda a significação, noção transversal à teorização do linguista, nas dimensões sistêmica e discursiva, com a consideração das relações de interdependência entre forma e sentido nesses dois domínios.

Priorizo, aqui, o domínio do discurso, cuja unidade é a palavra, com a discussão sobre seu agenciamento na frase e os efeitos desse agenciamento na comunicação intersubjetiva.

Uma das questões centrais da Linguística e, portanto, também de uma Linguística benvenistiana

diz respeito à delimitação da unidade. A delimitação da unidade, para Benveniste, envolve os dois domínios da língua: o domínio do signo (da língua no sistema) e o domínio do discurso (da língua em ação). Segundo o linguista, a entrada da criança, no mundo de unidades no universo do sistema ocorre via universo do discurso, conforme atestamos na seguinte passagem de “Os níveis da análise linguística”:

Vemos nessa dupla propriedade da frase a condição que a torna analisável para o próprio locutor, a começar pela aprendizagem que ele faz do discurso quando começa a falar e pelo exercício incessante da sua atividade de linguagem em todas as situações. (Benveniste, 1995, p. 140).

E o linguista continua: “O locutor pode não ir mais longe; tomou consciência do signo sob espécie de ‘palavra’. Fez um início de análise linguística a partir da frase no exercício do discurso” (Benveniste, 1995, p. 140). O fechamento do texto apresenta um princípio fundamental para os estudos aquisicionais de vertente benvenistiana: “É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura (Benveniste, 1995, p. 140).

Ainda em “Os níveis da análise linguística”, o linguista chama a atenção para a posição funcional intermediária da palavra, a qual se decompõe em unidades inferiores e compõe uma unidade superior mais alta, a frase. Neste estudo, centro-me na palavra e, por conseguinte, no domínio discursivo, que tem, na frase, quando esta constitui um segmento do discurso, a unidade mais alta. De acordo com Benveniste (1995), a frase apresenta diferentes modalidades: assertivas, interrogativas e imperativas. Essas modalidades se distinguem por traços específicos de sintaxe e se ligam a três funções inter-humanas do discurso, “correspondendo cada uma a uma atitude do locutor” (Benveniste, 1995, p. 139). A frase, cuja unidade é a palavra, pode ser unidade no discurso quando dele for um segmento.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste (1989) argumenta que, pelo agenciamento de palavras, chega-se à ideia (sentido) que a frase exprime: “[...] este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (Benveniste, 1989, p. 230). Na sequência, o linguista afirma: “[...] o sentido da frase é a sua ideia e o sentido da palavra é o seu emprego” (Benveniste, 1989, p. 231). Para o linguista, é a partir de uma ideia que o locutor agencia palavras, as quais, empregadas na frase, tem um “sentido” particular. Além dos sentidos da palavra e da frase, o linguista considera ser essencial a noção de referência: “Se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de [do] fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar” (Benveniste, 1989, p. 231, destaques do autor).

Como o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor, Benveniste (1989) concebe ser, no domínio do discurso, que a língua exerce a sua função mediadora entre os humanos e entre o humano e o mundo: comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando resposta, etc. É por meio do discurso, conforme o linguista, que a língua permite a integração humana à sociedade e a adequação ao mundo.

Esse agenciamento de palavras no discurso se torna possível via atos de enunciação, pois somente depois

⁴ Seguindo o original francês, a formulação “né prévoir, ni deviner” (Benveniste, 1974, p. 227), teria a tradução “nem prever, nem adivinhar.”

da enunciação a língua deixa de ser uma possibilidade para ser “efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (Benveniste, 1989, p. 84). O ato de enunciação, nesse sentido, carrega o que caracteriza uma enunciação: a acentuação discursiva com o parceiro. Com efeito, desde o momento em que o locutor assume a língua, ele implanta o outro diante de si. Desse modo, o locutor, ao postular um alocutário, torna a sua enunciação uma alocação. Estamos diante da condição de intersubjetividade, condição que, para o linguista, “torna possível a comunicação linguística” (Benveniste, 1989, p. 78).

Na enunciação, a língua se encontra em emprego porque o locutor tem a necessidade de referir para possibilitar ao outro correferir, de maneira que os funcionamentos intersubjetivo e referencial do discurso estão interligados. Faz-se importante também pontuar que, segundo Benveniste, para que a comunicação intersubjetiva (relações de pessoa *eu-tu*) e a referência (*ele*) se atualizem, há necessidade de o locutor agenciar os instrumentos da enunciação: um aparelho de formas e um aparelho de funções sintáticas.

As formas que se atualizam na enunciação (índices específicos de pessoa-tempo-espço e demais formas) estão em emprego nas grandes funções sintáticas presentes nas modalidades da frase: na *interrogação*, enunciação construída para suscitar uma resposta; na *intimação*, enunciação que contém ordens e apelos; na *asserção*, enunciação que visa a comunicar uma certeza.

Assim, no domínio do discurso, nós, falantes, estamos constantemente nos perguntando: “Qual a ideia? Qual a referência? Qual o sentido?” “Como determinada palavra produz sentido a cada emprego?” É na sintagmatização das palavras em emprego no discurso que podemos observar como a criança é afetada pelo agenciamento de palavras do outro e, ao mesmo tempo, como agencia palavras para “evocar” sentidos para o outro. Tais efeitos encaminham o pesquisador a observar as atitudes da criança nas relações intersubjetivas e em seus modos de enunciação: se está comunicando experiência, se está impondo adesão, se está suscitando respostas etc.

A partir dessa breve síntese teórica, passarei a observar os fatos enunciativos de G, aqui selecionados, para verificar como o agenciamento de uma palavra possibilita a continuidade discursiva pela criança e determina seus modos de enunciação na relação intersubjetiva com o outro.

O agenciamento de palavras no discurso pela criança: modos de enunciação e diferentes atitudes de locutor

O ato de fundar-se em uma língua tem na instauração da criança em sua língua materna um lugar privilegiado, porque é um revelador da entrada da criança no mundo de falantes da sociedade onde vive. Este trabalho talvez ilustre, ainda que não profundamente, a ideia contida em uma antropologia da enunciação (Flores, 2013, 2015, 2018, 2019a), “por mostrar como a cultura está constitutivamente presente na linguagem humana” (Silva; Flores, 2015, p. 147,148). G, criança comentada/analísada neste estudo, parece dar um testemunho disso. É o que passo a ilustrar e a comentar na sequência deste texto.

Nesta seção, apresento a construção analítica, com a consideração de que os fatos enunciativos são eleitos a partir dos critérios que os definem como tais, pois, como diz Benveniste (1995, p. 127), “a realidade do objeto não [é] separável do método próprio para defini-lo”. Por isso, este estudo, que aborda o agenciamento

de palavras no discurso no quadro enunciativo (relação *eu-tu/ele*), trata desse agenciamento via observação da alternância de protagonistas da enunciação em dois fatos enunciativos.

Os fatos enunciativos selecionados para análise fazem parte do Banco de Dados NALíngua, conforme critérios de construção desse Banco apresentados por Del Ré, Hilário e Rodrigues (2016)⁵. Desse banco, foram realizados recortes, quando G estava com as seguintes idades: com 2.4,11 e 3.0, 01. Esses recortes foram convertidos em fatos enunciativos de análise

Quadro 1 – Fato enunciativo 1⁶

| | | |
|----|-----------------|--|
| 01 | @Participantes: | G (CRI – criança), OBS (Observadora – Ale) e PAI. |
| 02 | @Idade de G: | 2,4.11. |
| 03 | @Local: | Casa do Gustavo. |
| 04 | @Situação: | O pai e a criança brincam em casa. A observadora e o pai |
| 05 | | conversam com G sobre personagens de umas gravuras, |
| 06 | | pertencentes a um filme que G assistiu. No filme, há as |
| 07 | | personagens McQueen e Chick Hicks. |
| 08 | | |
| 09 | *CRI: | a joga suja. |
| 10 | *PAI: | joga sujo. |
| 11 | *OBS: | [ri] |
| 12 | *PAI: | o que ele... |
| 13 | *CRI: | não [pausa] de joga sujo. |
| 14 | *OBS: | é? |
| 15 | *PAI: | o Chick Hicks joga sujo é? |
| 16 | *OBS: | ele é mau? |
| 17 | *CRI: | ele bate. |
| 18 | *PAI: | que que ele fez com o Rei? |
| 19 | *CRI: | bateu. |
| 20 | *PAI: | bateu no Rei é? |
| 21 | *PAI: | daí o que que aconteceu com o Rei? |
| 22 | *CRI: | Luigi mata o Wingo. |
| 23 | *PAI: | depois que ele bateu no Rei o que que aconteceu com o Rei? |
| 24 | *CRI: | hum? |
| 25 | *PAI: | hein? |
| 26 | *CRI: | capotô. |
| 27 | *PAI: | capotô. |
| 28 | *OBS: | [ri]. |

Fonte: autores

⁵ O Banco de Dados NALíngua (CNPq, dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/25793) foi instituído em 2008 e está dispensado de avaliação pelo Sistema CEP/CONEP, segundo Resolução n° 510 do Conselho Nacional de Saúde, de 07/04/2016 (parágrafo único, inciso V).

⁶ Na transcrição, ações não verbais, como pausas e risos, são colocadas entre colchetes. Os comentários do transcritor são colocados entre colchetes, introduzidos pelo sinal de = [= saindo do quarto]. Os sublinhados indicam, na parte destacada, a mobilização do aspecto vocal em tom descendente.

Neste fato enunciativo, a referência parece se concentrar no agenciamento da palavra “suja” pela criança. A atualização da palavra em seu discurso vai determinando o agenciamento de outras para exprimir uma certa “ideia” na comunicação intersubjetiva.

A palavra, atualizada no feminino (“a joga suja”, l. 09) e, na sequência, agenciada pelo pai como forma masculina (“joga sujo”, l. 10), vai evocando dado sentido em seu emprego, evocação que encaminha o pai a formular uma interrogação: “o Chick Hicks joga sujo é?” (l. 15) para suscitar de G uma resposta. A palavra agenciada no discurso de G remete a outras palavras que fazem parte da sua realidade com a família em suas experiências de linguagem com filmes e gravuras, experiências nas quais comparecem personagens como McQueen, Chick Hicks e o Rei.

É atualizando discursivamente palavras em remissão a essas personagens que G instaura, no discurso, realidades imaginárias por meio dessa “essência imaterial e soberana, a Palavra” (Benveniste, 1995, p. 27).

A partir de um conjunto de gravuras que o pai lhe mostra, G destaca uma delas – a do personagem Chick Hicks – para enunciar que essa personagem “joga suja”. O agenciamento de “suja” em relação de sintagmatização com “jogar” evoca questionamentos da observadora “Ele é mau?” (l. 16), interrogação que suscita a resposta de G: “ele bate” (l. 17). Esse agenciamento de “bate” no presente é alterado após nova interrogação do pai: “que ele fez com o rei?” (l. 18). E a criança responde: “bateu” (l.19). Assim, com o agenciamento das formas “bate” e “bateu”, G revela a sua atitude de caracterizar a personagem como a que “joga sujo”.

O pai, ao indagar o que Chick Hicks fez para o rei com a forma verbal no passado “fez”, leva G a agenciar a forma verbal também no passado (“bateu”) e a instaurar, na comunicação intersubjetiva, o modo de enunciar narrativo⁷. É interessante observar que o agenciamento da forma verbal no passado desencadeia novamente a atualização de uma frase interrogativa pelo pai: “depois que ele bateu no Rei o que que aconteceu com o Rei?” (l. 23). A função de interrogação atualizada na frase do pai suscita da criança uma nova resposta, com a atualização, no discurso, de uma asserção com nova forma verbal no passado em remissão a uma nova ação narrativa: “capotô” (l. 26).

Observamos, desse modo, que o agenciamento da palavra “suja” (l. 09) por G integrada a “jogar”, via relação de sintagmatização atualizada no discurso, faz com que, no emprego discursivo, tanto a forma “jogar” quanto a forma “suja(o)” evoquem sentidos particulares ligados ao conjunto sintagmático “jogar sujo”.

A atitude de locutor da criança – de caracterizar uma personagem como quem “joga sujo” e a de evocar essa ideia em seu discurso – realiza-se formalmente pelo agenciamento de palavras em uma organização sintática particular, na qual cada palavra age sobre a outra. O agenciamento de “bateu” e depois de “capotou” confere à frase a sua sintagmatização (forma) e encaminha, na comunicação intersubjetiva, a evocação de determinado sentido. Além disso, essa sintagmatização específica (jogar sujo – bateu – capotou) remete a “um dado estado de coisas” (Benveniste, 1989, p. 231),

⁷ Diedrich (2020) explora arranjos da língua-discurso mobilizados pela criança em suas narrativas a fim de melhor compreender a inserção da criança no mundo via linguagem. Silva e Diedrich (2022) exploram a narrativa como uma das “formas complexas do discurso”, expressão com a qual Benveniste (1989) fecha o texto “O aparelho formal da enunciação”. Neste artigo, centro-me nos modos da enunciação da criança atualizados a partir do agenciamento de determinada palavra no discurso. Nesse caso, a narrativa comparece como um efeito da ideia global, constituída no fio discursivo, que relaciona/sintagmatiza as enunciações da criança e do outro nas trocas intersubjetivas.

provocando a emergência da referência relacionada à situação de discurso.

Nas constantes convocações do pai, via função de interrogação, emerge, no discurso de G, o embrião de um modo de enunciação narrativo, visto a ação de uma personagem levar à ação de outra e o agenciamento de uma palavra, no fio do discurso, convocar a presença de outra. Sistema e discurso em ação nas relações intersubjetivas de G possibilitam mudanças em sua relação com a língua ligadas à sua instauração no modo enunciativo de narrar acontecimentos.

Passemos ao segundo fato enunciativo.

Quadro 2 – Fato enunciativo 2

(Continua)

| | |
|----|---|
| 01 | @ Participantes: G - CRI - criança, OBS - Observadora Ale e o PAI. |
| 02 | @Idade de G: 3.0,01 |
| 03 | @Local: Casa do G. |
| 04 | @Situação: G conversa com seu pai e a observadora sobre sua ida ao sítio/chácara. |
| 05 | |
| 06 | *PAI: o que qui a genti ia fazê meu quandu a tia Alê chegasse? <u>Olha bem pru quartu</u> [= em tom descendente] |
| 07 | *CRI: é [pausa] fazê estelinha |
| 08 | *PAI: ah! Lembrô sem olhá! |
| 09 | *OBS: hum |
| 10 | *PAI: vai fazê uma estrelinha? |
| 11 | *CRI: é |
| 12 | *PAI: mostra lá pra tia Alê |
| 13 | *PAI: mas tem que explicá o que qui é |
| 14 | *OBS: o que é essa estrelinha? |
| 15 | *CRI: estelinha |
| 16 | *OBS: mas pur que qui você faz a estrelinha? |
| 17 | *CRI: <u>pur que não fiz xixi na cama</u> [= enuncia em tom descendente] |
| 18 | *OBS: ãh! Ah! [= tom de surpresa] |
| 19 | *PAI: e como é que você feiz lá na chácara? |
| 20 | *CRI: eu fiz xixi na na falda um poquinho e aí depois que eu fiquei esperando e eu fiz xixi |
| 21 | *PAI: comu é que foi? Explica direitu pra tia Ale que ela não tava lá comu é que aconteceu |
| 22 | *CRI: quandu eu tava na chácara eu fiz xixi um poquinho [= saindo do quarto onde estava com Ale em direção do pai] |
| 23 | |
| 24 | *PAI: conta pra ela, não pra mim |
| 25 | *OBS: ãh? E aí? |
| 26 | *CRI: sabe eu fiquei na chácara, eu fiz xixi lá um poquinho, e daí ah eu fiquei esperando [pausa] eu fiz xixi lá na chácara |
| 27 | *OBS: ah |

Fonte: autores

Quadro 2 – Fato enunciativo 2

(Conclusão)

| | |
|----|---|
| 28 | *OBS: <i>ah</i> |
| 29 | *PAI: <i>ela não entendeu direitu, explica direitu, você fez xixi aonde?</i> |
| 30 | *CRI: <i>na privada</i> |
| 31 | *PAI: <i>não, mas primeru você fez o quê?</i> |
| 32 | *CRI: <i>fiz na fralda</i> |
| 33 | *PAI: <i>fez na fralda um poquinho né? Mas aí logu qui você acordô o que qui você falô?</i> |
| 34 | *CRI: <i>que eu quéo fazê xixi</i> |
| 35 | *PAI: <i>papai eu quêru fazê xixi [= tom descendente] daí a genti foi correndu no banheiro...</i> |
| 36 | *CRI: <i>e aí eu ganhei uma estelinha</i> |
| 37 | *PAI: <i>ganhô uma estelinha! Porque pediu pra fazê xixi logu que acordô né?</i> |
| 38 | *CRI: <i>é</i> |
| 39 | *PAI: <i>mas no outro dia foi mais legal ainda! Comu é que foi no outro dia?</i> |
| 40 | *CRI: <i>eu fiquei XXX [= não entendimento na transcrição]</i> |
| 41 | *PAI: <i>eu sei...</i> |
| 42 | *OBS: <i>[= risos]</i> |
| 43 | *PAI: <i>mas a genti tá falandu da estrelinha. Você não ganhou duas estrelinha?</i> |
| 44 | *CRI: <i>sim</i> |
| 45 | *PAI: <i>uma foi purqui você pediu</i> |
| 46 | *CRI: <i>é</i> |
| 47 | *PAI: <i>e a outra?</i> |
| 48 | *CRI: <i>a otra?</i> |
| 49 | *PAI: <i>é</i> |
| 50 | *CRI: <i>puque eu não fiz xixi</i> |
| 51 | *PAI: <i>quando chegô de manhã</i> |
| 52 | *CRI: <i>e aí eu não fiz xixi</i> |
| 53 | *PAI: <i>foi vê a fralda e não tinha xixi</i> |
| 54 | *CRI: <i>é</i> |
| 55 | *PAI: <i>ganhô! Duas estrelinha!</i> |
| 56 | *CRI: <i>legal!</i> |

Fonte: autores

O fato enunciativo 2 é um testemunho não somente da entrada da criança na língua (sistema e discurso), mas também de sua “integração à sociedade e adequação ao mundo” (Benveniste, 1989, p. 229).

O agenciamento da palavra “estrelinha” por G, após interrogação do pai, permite a G reviver na linguagem um acontecimento não mais contemporâneo ao discurso. Cria-se, assim, a necessidade de integrar à frase formas do passado, porque “os tempos não-presentes, sempre explicitados na língua, a saber, o passado e o futuro, não estão no mesmo nível que o presente” (Benveniste,

1989, p. 75). É na instância de discurso que G desloca o eixo axial da enunciação (o presente) para o passado com vistas a estabelecer referência ao acontecimento vivido.

Assim, o acontecimento ligado à experiência humana da criança de aprender a solicitar ir ao banheiro para não fazer “xixi” na roupa é evocado por ela via agenciamento da palavra “estrelinha”. Esse acontecimento é revivido no discurso com a presença de modos particulares de realização do aspecto vocal da enunciação, como os tons descendentes na vocalização da palavra “xixi”. Esse modo de agenciamento vocal revela que, em sua adequação ao mundo, G vive interdições ligadas ao modo como os atos escatológicos são significados nas enunciações. Por isso, no primeiro momento em que agencia a palavra “xixi” (“pur que não fiz xixi na cama” l. 19), o vocal de G ganha um modo descendente de enunciar. Essa prescrição social relacionada a fazer “xixi” em local adequado tem efeitos no modo de enunciar da criança. Esse *tabu* da sociedade interdita G de enunciar naturalmente sobre o acontecimento da chácara. Por isso, a palavra é enunciada com mudança de tom vocal.

O que é interessante observar, neste fato enunciativo, em relação ao anterior é a autonomia de G em narrar algo que “aconteceu” no seu universo intrapessoal para outro via organização das coordenadas temporais e espaciais, pois, como afirma Benveniste (1989, p. 77), “a temporalidade que é minha quando ela organiza o meu discurso, é aceita sem dificuldades como sua pelo meu interlocutor”. O apelo do pai, por meio da função sintática de intimação (“mas tem que explicá o que qui é”, l. 15), e a interrogação da observadora (“mas porque qui você faz a estrelinha?”, l. 18) convocam G a acionar a temporalidade como fator de intersubjetividade para tornar possível essa comunicação linguística. O agenciamento da palavra “estrelinha” relacionado a um acontecimento individual vivido tornou possível esse acontecimento ser revivido no discurso via transferências do espaço físico e do tempo crônico a um tempo e a um espaço discursivos (“sabe eu fiquei na chácara, eu fiz xixi lá um poquinho, e daí ah eu fiquei esperando (pausa) eu fiz xixi lá na chácara”, l.30).

Neste fato enunciativo, a criança, ao situar o acontecimento em um “lá” na chácara – distante do “aqui” das pessoas do discurso – e em um tempo passado diferente do presente em que enuncia, a criança organiza essas coordenadas espaço-temporais, que, de início, são evocadas pelo agenciamento da palavra “estrelinha” no fio do discurso. Isso faz com que a criança, na comunicação intersubjetiva com seus interlocutores, instancie um modo de enunciação sintagmatizado em discurso narrativo.

Se, no fato anterior, o modo de enunciar narrativo aparecia como um embrião em um agenciamento de poucas palavras sintagmatizadas com “joga suja”, “bateu” e “capotô”, neste fato enunciativo, o modo de enunciar narrativo apresenta uma estabilidade no engendramento de formas de pessoa-tempo-espaço pela criança. Essa estabilidade indicia, no processo de troca intersubjetiva, a identificação pelos parceiros das coordenadas espaço-temporais vinculadas ao acontecimento passado vivido pela criança que se singulariza no presente de sua enunciação e se inscreve como uma experiência humana na linguagem. Com efeito, segundo Benveniste, “para tornar inteligíveis essas referências intradiscursivas, deve-se ligar cada uma delas a um ponto determinado de um conjunto de coordenadas espaço-temporais.” (Benveniste, 1989, p. 78, 79).

Palavras finais

Neste estudo, procurei responder à seguinte questão: *considerando a palavra a unidade do discurso, como seu agenciamento convoca a criança a sintagmatizar diferentes modos de enunciação e, conseqüentemente, provoca mudanças em sua instauração na língua materna?*

A sintagmatização de palavras nos discursos de G, criança observada neste estudo, e de seus interlocutores provoca o agenciamento de outras palavras e procedimentos, configurando diferentes modos de enunciação, que, na organização global, atualizam o modo de enunciação narrativo, seja pela retomada de um acontecimento vivido por uma personagem, seja pelo relato de um acontecimento pessoal.

A análise dos fatos enunciativos atestou mudanças no modo de G atualizar a língua no discurso. No primeiro fato, G parece mostrar o embrião do modo narrativo via engendramento de formas como “joga suja”, “bateu” e “capotô”. Esse engendramento é suscitado pela convocação do outro por meio da função de interrogação, função, inclusive, que encaminha G a alterar o tempo do verbo “bater” do presente (“bate”) para o passado (“bateu”). Já no segundo fato enunciativo, a estabilidade no modo narrativo de enunciar comparece via agenciamento de formas verbais do passado, as quais indiciam que G parece dar-se conta da não coincidência entre o acontecimento e o discurso, pois separa o tempo presente contemporâneo à sua enunciação do tempo passado utilizado para evocar um acontecimento vivido.

Essa mudança, no discurso da criança, pode ser explicada a partir das macro-operações gerais do ato de instauração da criança na língua materna, concebidas por Silva (2007, 2009).

No primeiro fato enunciativo, G está em uma situação de discurso de olhar gravuras e retomar acontecimentos ligados a personagens presentes nessas gravuras. G dá mostras, nesse fato enunciativo, de situar-se na *macro-operação de referência mostrada* (segunda macro-operação) e, por isso, o tempo parece oscilar entre o presente – momento em que G olha as figuras com o pai e enuncia sobre elas – e o passado que remonta a acontecimentos nos quais as personagens das figuras estavam envolvidas.

Por sua vez, o segundo fato enunciativo mostra G já se situando na terceira macro-operação do ato de instauração da criança na língua materna, a de *inscrição enunciativa da criança na língua-discurso*. Isso porque a criança se vale das coordenadas pessoais, espaciais e temporais de modo intralinguístico (inscritas no discurso), com deslocamentos temporais entre o tempo presente, que ancora a sua enunciação, e o tempo passado por meio do qual evoca acontecimentos vividos. Outro destaque, nesse fato enunciativo, envolve o uso da forma de pessoa subjetiva “eu” e a retomada de uma enunciação anterior (“PAI: o que qui você falô?”, l.37, 39; “CRI: que eu quéo fazê xixi”, l.39). O uso atesta que o dispositivo enunciativo *eu-tu-elle* comparece intralinguisticamente e os movimentos temporais dão mostras do fato de que G atualiza o perfeito em seu discurso, estabelecendo um “laço vivo entre um acontecimento passado e o presente no qual a sua evocação se dá” (Benveniste, 1995, p.270). O perfeito, como diz Benveniste (1995),

é o tempo daquele que relata os fatos como testemunha, como participante; é, pois, também o tempo que escolherá todo aquele que quiser fazer repercutir até nós o acontecimento referido e ligá-lo ao nosso presente. Como o presente, o perfeito pertence ao sistema linguístico do discurso. (Benveniste, 1995, p.270).

Esse jogo temporal retrospectivo de acontecimentos e de enunciações passadas indicia, no segundo fato enunciativo, a entrada de G em sua língua materna com maior estabilidade no uso dos “recursos constitutivos para a manifestação do homem como ser falante” (Flores, 2013, p. 190).

Este estudo, situado em uma Antropologia da Enunciação, conforme aponta Flores (2019a), tratou da presença da língua na criança e, embasado na Teoria da Linguagem de Benveniste, mostrou o agenciamento de recursos constitutivos da língua (coordenadas de pessoa, espaço e tempo) pela criança como ser falante.

A criança, ao se instaurar no modo de enunciação narrativo, revive acontecimentos na linguagem, compartilhando esses acontecimentos em processos de troca intersubjetiva. A palavra agenciada no discurso tem o poder de fundar uma realidade e de possibilitar mudanças da criança em sua relação com o outro e com a língua.

É nas práticas humanas que a criança encontra a sua língua e os princípios das atividades sociais. Por isso, parafraseando Benveniste (1989), no final do texto “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, é possível afirmar que é, no exercício da língua em práticas sociais – nesta relação de comunicação inter-humana – que o nascimento da criança na língua de uma sociedade poderá ser descoberto na dupla natureza que a língua funda e instaura nela: social e individual ao mesmo tempo.

Referências

BENVENISTE, Émile. (1966). Os níveis da análise lingüística. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão pelo prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, p. 127-140, 1995.

BENVENISTE, Émile. (1966). As relações de tempo no verbo francês. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão pelo prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, p. 260-276, 1995.

BENVENISTE, Émile. (1974). O aparelho formal da enunciação. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução por Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, p. 81-90, 1989.

BENVENISTE, Émile. (1974). A forma e o sentido na linguagem. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução por Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, p. 220-242, 1989.

BENVENISTE, Émile. (1974). A linguagem e a experiência humana. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução por Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, p. 68-80, 1989.

BENVENISTE, Émile. (1974). Estrutura da língua e estrutura da sociedade. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução por Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução por Eduardo Guimarães. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, p. 68-80, 1989.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale 2**. 1. ed. Paris: Gallimard, 1974.

DEL RÉ, Alessandra; HILÁRIO, Rosângela; RODRIGUES, Rubens. O corpus NALingua e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no Brasil. **Artefactum - Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, ano VIII, n. 2, p. 1-16, 2016.

DIEDRICH, Marlete Sandra. As crianças e as narrativas: a inserção do discurso no mundo. **Anais do XXXV ENANPOLL**, online, 2020. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-1403-1.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento (2013). **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013. 198 p.

FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 50, dez. 2015. p. 90-95. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2015.s.23143>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/23144>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. A voz como objeto de uma antropologia da enunciação. **Workin 'a fala em estado nascente é cada vez mais um objeto a ser descoberto, na dupla natureza que a língua(gem) funda e instaura na criança: Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 35-53, Florianópolis, ago./dez., 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2018v19n2p35>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2018v19n2p35>. Acesso em: 30 jul. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. (2019^a). Visão de mundo e enunciação: sobre a passagem do *infans* a ser falante. **Linguística**, v. 35, n. 2, p. 13-25. dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5935/2079-312x.20190013>. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?pid=S2079-312X2019000200013&script=sci_abstract. Acesso em: 30 jul. 2023.

FLORES, Valdir do Nascimento. (2019b). **Problemas gerais de linguística**. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 397, 2019.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem**. 2007. 293f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10407>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A criança na linguagem: enunciação e aquisição**. 1^a ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa; FLORES, Valdir do Nascimento. A significação e a presença da criança na linguagem. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 133-149, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/download/1284/1107/2172>. Acesso em: 29 de jul. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlete Sandra. Das formas embrionárias às formas complexas do discurso: movimentos linguístico-enunciativos da criança na aquisição da língua materna. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 20, n. 1, p. 115-140, dez. 2022. DOI: <https://www.doi.org/10.22481/el.v20i1.12071>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/12071>. Acesso em: 30 de jul. 2023.